

## BULLYING NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andreia Ribeiro da Costa<sup>1</sup>

Catiane Souza Araújo<sup>2</sup>

Elizangela Gonçalves<sup>3</sup>

Maria Eligia Guia de Arruda<sup>4</sup>

Renata Carvalho da Silva Fernandes<sup>5</sup>

Silviane Márcia Curado<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta um tema que é, sem dúvida, um dos temas mais discutidos no mundo atual, despertando cada vez mais interesse em diversas ciências e na vida social. Em meio a discussões, o que é natural, muitas opiniões, ideias, propostas, estudos, publicações, etc. Este trabalho trata do fenômeno conhecido como bullying, expressão inglesa utilizada para expressar agressões repetidas nas atitudes de uma ou mais pessoas com o objetivo de causar dor, humilhação, sofrimento e dor a outra. Para tanto, é apresentado um estudo sobre o bullying no ambiente escolar, investigando a presença dessa violência na educação infantil, além disso, são destacadas as condições em que ocorre o bullying e é feito um esforço para compreender o bullying por profissionais da educação. Portanto, acrescenta-se que professores, escolas, famílias e sociedade devem estar atentos às atitudes, expressões e comportamentos que compõem o aluno como um sujeito sócio-histórico-social que busca a percepção como aliada no trato com o comportamento inconsistente das crianças.

4435

**Palavras-Chave:** Bullying. Educação infantil. Violência. Comportamento.

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia: Habilitação em Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e em Supervisão Escolar pelo Centro Universitário – UNIRONDON, Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande - FIAVEC.

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Especialista em Educação à Distância com Ênfase na Formação de Tutores pela Faculdade UNINA.

<sup>3</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Graduada em Artes pela Faculdade Life - FacLife, Especialista em Educação Inclusiva – LIBRAS pela Faculdade do Instituto Panamericano – FACIPAN.

<sup>4</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Educação Infantil com Ênfase em Educação Especial pelas Faculdades Integradas de Cuiabá – FIC.

<sup>5</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Especialista em Psicopedagogia promovido pela Faculdade Cuiabana de Educação e Letras – FACEL.

<sup>6</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Várzea Grande - UNIVAG, Especialista em Educação Infantil pela UNICID – Universidade de São Paulo.

**ABSTRACT:** This article presents a topic that is undoubtedly one of the most discussed topics in the world today, arousing increasing interest in various sciences and in social life. In the midst of discussions, which is natural, many opinions, ideas, proposals, studies, publications, etc. This work deals with the phenomenon known as bullying, an English expression used to express repeated aggressions in the attitudes of one or more people with the aim of causing pain, humiliation, suffering and pain to another. To this end, a study on bullying in the school environment is presented, investigating the presence of this violence in early childhood education, in addition, the conditions in which bullying occurs are highlighted and an effort is made to understand bullying by education professionals. Therefore, it is added that teachers, schools, families and society must be attentive to the attitudes, expressions and behaviors that make up the student as a socio-historical-social subject who seeks perception as an ally in dealing with the inconsistent behavior of children.

**Keywords:** Bullying. Early childhood education. Violence, Behavior.

## INTRODUÇÃO

O estudo do bullying vem sendo discutido desde a antiguidade, mas hoje tornou-se mais persistente, embora ainda seja desconhecido ou “invisível” para muitos.

Nesse contexto, o bullying objeto de pesquisa deste artigo não é um fenômeno raro e isolado, pois ocorre em todas as situações que surgem nas relações humanas, e ocorre no cotidiano de um indivíduo desde o início da comunicação.

O bullying tem se mostrado um tipo de violência que se manifesta de diferentes formas dentro e fora das instituições de ensino privadas ou públicas.

O Bullying é qualquer tipo de agressão, seja ela física, verbal ou moral, sendo que o bullying na escola é uma realidade que os professores muitas vezes ignoram. Os professores devem estar atentos a quaisquer a todos os comportamentos comprometedores, podendo até começar a se orientar pelo desempenho do aluno nas aulas, para continuar avaliando o mesmo comportamento, para saber suas reações, para saber os motivos.

Hoje, o bullying é sem dúvida um dos temas mais discutidos no mundo, o que desperta interesse crescente em diversas ciências e na vida social. Em meio a discussões, o que é natural, muitas opiniões, ideias, propostas, estudos, publicações, etc. No entanto, devido à urgência em encontrar respostas efetivas, controversas interpretações equivocadas e desinformações acabam por dificultar a compreensão e a solução do problema.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Bullying

O termo bullying vem de “bully” que em inglês significa valentão, porém a palavra bullying não tem um significado exato em português. Bullying é utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender. Também existem as vítimas/agressoras, ou autores/alvos, que em determinados momentos cometem agressões, porém também são vítimas de bullying pela turma.

Sem termo equivalente na língua portuguesa, define-se universalmente como: “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento” (ESCOLA, 2006). Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying.

4437

Fante (2005) diz que este tema vem despertando cada vez mais o interesse de profissionais das áreas de educação e saúde, principalmente o bullying escolar. Termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica, que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, em estudos sobre o problema da violência escolar.

Essa mesma autora afirma que o bullying é um conceito específico, bem definido, mas que por vezes ainda é confundido por pessoas sem conhecimento do tema, se faz necessário entender o que realmente acontece, pois pode parecer nada preocupante, mas é mais difícil do que se pensa, pois ele envolve e coloca em jogo a vida de quem é vítima, seja qual(ais) for(em) a(s) agressão(ões) recebida(s).

O bullying é um problema mundial, podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos. Há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do bullying entre seus alunos; ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente acontece em áreas

onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente. Estão incluídos no bullying os apelidos pejorativos criados para humilhar os colegas.

No Brasil, bullying significa provocar, tocar, bater, zombar, admirar, zombar, dar apelidos jocosos, questionar a masculinidade ou feminilidade da vítima. Essas são as práticas mais comuns. De acordo com a legislação brasileira, o bullying é enquadrado no Código Penal como crimes como injúria, difamação e ofensa à integridade física. Ainda não existe uma lei que puna os agressores como eles merecem. Aqueles que são tentados têm certos sintomas como distúrbios do sono, dores de estômago, distúrbios alimentares, irritabilidade, depressão, distúrbios de ansiedade, dores de cabeça, perda de apetite, pensamentos destrutivos, como querer morrer. Em muitos casos, as vítimas recorrem à terapia para amenizar as cicatrizes deixadas pela agressão.

As testemunhas do bullying, em sua maioria estudantes, convivem com a violência e se calam por medo de se tornarem as “próximas vítimas” do agressor. Se não houver uma intervenção eficaz contra o bullying no ambiente escolar, o ambiente torna-se poluído e os alunos devem sempre experimentar sentimentos negativos de medo e ansiedade.

4438

As crianças ou adolescentes que sofrem bullying podem se tornar adultos com sentimentos negativos e baixa autoestima. Tendem a adquirir sérios problemas de relacionamento, podendo, inclusive, contrair comportamento agressivo. Em casos extremos, a vítima poderá tentar ou cometer suicídio.

O(s) autor(es) das agressões geralmente são pessoas que têm pouca empatia, pertencentes a famílias desestruturadas, em que o relacionamento afetivo entre seus membros tende a ser escasso ou precário. Por outro lado, o alvo dos agressores geralmente são pessoas pouco sociáveis, com baixa capacidade de reação ou de fazer cessar os atos prejudiciais contra si e possuem forte sentimento de insegurança, o que os impede de solicitar ajuda.

Beane (2010) afirma que os professores, educadores, pais, familiares, funcionários da escola e todos os participantes da rotina diária dos alunos devem estar atentos, sempre observando, ficando de olho a cada sinal suspeito: humor, companhias, as notas escolares, enfim. Incentivar, conversar, explicar, esclarecer, fazer trabalhos e discussões sobre o assunto, sempre favorecer a comunicação em sala de aula (entre todos), evitando as

“panelinhas”, qualquer queixa que vier, não desconsiderar, procurar a direção da escola, chamar os pais, promover o diálogo, tentar resolver no início, para que não tenham consequências piores. Cabe a escola também promover o debate, o diálogo, mas os pais devem estar sempre acompanhando, devem estar sabendo de tudo o que se passa com seu filho, e outro fator importante é o modo da conversa, deve-se haver este cuidado para não correr o risco de na tentativa de querer ajudar, incentivar mais ainda os agressores a cometerem estes atos contra o agredido.

Fante (2005) diz que é notável a crença que se existe uma cultura de violência, que se dissemina entre as pessoas, pode-se disseminar uma contracultura de paz. Se conseguirmos plantar nos corações das crianças as sementes da paz, solidariedade, tolerância, respeito ao outro e o amor, poderemos vislumbrar uma sociedade mais equilibrada, justa e pacífica. Construir um mundo de paz é possível, para isso, deve-se primeiramente construí-lo dentro de cada um de nós.

O professor é um exemplo fundamental de pessoa que não resolve conflitos com a violência. Não adianta, porém, pensar que o bullying só é problema dos educadores quando ocorre do portão para dentro. É papel da escola construir uma comunidade na qual todas as relações são respeitadas.

4439

O foco deve se voltar para a recuperação de valores essenciais, como o respeito pelo que o alvo sentiu ao sofrer a violência. A escola não pode legitimar a atuação do autor da agressão nem humilhá-lo ou puni-lo com medidas não relacionadas ao mal causado, como proibi-lo de frequentar o intervalo.

Para prevenir o *bullying* os professores devem então conhecer o termo, suas características, consequências e se atualizarem sobre o assunto. Camargo também insiste na importância de garantir meios para combater esta violência, sem confundi-la no dia-a-dia das escolas, e não visualizar o *bullying* como mais uma violência diária ou comum.

Segundo Camargo (2009), nem todas as brigas são consideradas *bullying*. É preciso observar as características das agressões torna-se um importante meio para não banalizarmos o termo. Para ser um *bullying*, a agressão deve acontecer de forma repetida, intencional e sem motivação e principalmente ser feita entre pares.

Em conversas com os pais de alunos envolvidos com *bullying* é preciso mediar a conversa e evitar o tom de acusação de ambos os lados. Esse tipo de abordagem não mostra

como o outro se sente ao sofrer bullying. Deve ser sinalizado aos pais que alguns comentários simples, que julgam inofensivos e divertidos, são carregados de ideias preconceituosas. O ideal é que a questão da reparação da violência passe por um acordo conjunto entre os envolvidos, no qual todos consigam enxergar em que ponto o alvo foi agredido para, assim, restaurar a relação de respeito.

As estratégias relevantes para a prevenção desse fenômeno seriam a elaboração e a utilização, em aulas de educação física, de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis ou literatura de cordel, que discutam criticamente o *bullying*. Tais materiais, além de excelentes recursos pedagógicos, têm uma maior disseminação entre as crianças.

Como estratégia didática para prevenção do *bullying*, cabe, ainda, destacar que:

O professor deve ter cuidado para não se converter em agressor, entrando, assim, em sintonia com os praticantes do *bullying*. Para isto deve atentar para algumas situações, como: a forma de fazer as correções pedagógicas para não ridicularizar ou rotular alunos; evitar depreciações quanto ao rendimento deles; mostrar preferência por alguns e indiferença a outros; fazer ameaças, perseguições e comparações entre eles; colocar apelidos pejorativos, dentre outras posturas inadequadas (CHAVES, 2006).

4440

A escola muitas vezes trata de forma inadequada os casos relatados por pais e alunos, responsabilizando a família pelo problema. É papel dos educadores sempre dialogar com os pais sobre os conflitos – seja o filho alvo ou autor do *bullying*, pois ambos precisam de ajuda e apoio psicológico.

Em casos extremos de bullying a primeira ação deve ser mostrar aos envolvidos que a escola não tolera determinado tipo de conduta e por quê. Nesse encontro, deve-se abordar a questão da tolerância ao diferente e do respeito por todos, inclusive com os pais dos alunos envolvidos.

As agressões ou ações impulsivas entre os envolvidos podem ser evitadas com espaços para diálogo. Uma conversa individual com cada um funciona como um desabafo e é função do educador mostrar que ninguém está desamparado. Os alunos e os pais têm a sensação de impotência e a escola não pode deixá-los abandonados. É mais fácil responsabilizar a família, mas isso não contribui para a resolução de um conflito.

Ao mesmo tempo, a conversa com todos os envolvidos não pode ser feita em tom acusatório, vale pensar em formas de mostrar como o alvo do bullying se sente agressivo e conseguir compreensão. Também é importante que o trabalho de sensibilização seja feito também com espectadores, apoiadores de agressão e observadores passivos de bullying. Sem que o público entenda o quanto a violência pode ser nociva, ela se repete em outros contextos.

## 2.2 O Bullying na Educação Infantil

O bullying na educação infantil pode ser caracterizada entre as crianças menores, no sentido de ser comum que as brigas estejam relacionadas às disputas de território, de posse ou de atenção ainda não caracterizando o bullying.

Para evitar o bullying, é preciso que a escola valide os princípios de respeito desde cedo. É comum que as crianças menores briguem com o argumento de não gostar uns dos outros, mas o educador precisa apontar que todos devem ser respeitados, independentemente de se dar bem ou não com uma pessoa, para que essa ideia não persista durante o desenvolvimento da criança.

4441

Quando o bullying acontece entre os pequenos, o educador precisa ajudar o alvo da agressão a lidar com a dor trazida pelo conflito. A indignação faz com que a criança tenha alguma reação. ‘Muitas vezes, o professor, em vez de mostrar como resolver a briga com uma conversa, incentiva a paz sem o senso de injustiça, pois o submisso não dá trabalho.

Na educação infantil, construímos e desconstruímos conhecimento. Esta é uma etapa muito importante onde a escola e os professores podem trabalhar com os pais conteúdos que inspirem amor ao próximo, respeito e solidariedade. Nas relações interpessoais, o conflito é uma forma de exercer o poder interpessoal desde cedo, e as crianças usam e abusam desse conflito para atingir seus objetivos.

Segundo Camargo (2009), o pensamento de Piaget sugere que a criança passa por estágios ou etapas de desenvolvimento, sendo capaz de construir e desconstruir o seu desenvolvimento cognitivo, levantando a ideia que as crianças têm comportamentos de acordo com sua faixa etária e que isso vai sendo alterado a partir do momento em que ela sai da educação infantil (fase entre zero a cinco anos), que, para Piaget, é constituída pelas etapas Sensório-Motora e Pré- Operatória.

Dessa forma Camargo (2009) acredita que essas duas etapas da criança não possibilitam a presença do fenômeno *bullying*, mas sim um ato de agressão, ao disputar com o outro um brinquedo, ou até mesmo a atenção total da professora. Segundo a autora, nessa fase, a criança ainda é egocêntrica e tende a morder, beliscar, puxar o cabelo ou cuspir para resolver seus conflitos.

Camargo (2009), estudar o *bullying*, não encontrou casos desse fenômeno não na educação infantil, mas na adolescência. Paradoxalmente, porém, o autor também afirma que o *bullying* ocorre em todos os âmbitos da escola, da família, dos lares, onde há gente e há convivência.

## CONCLUSÃO

É preciso entender que estamos diante de uma forma de violência (*bullying*), enfrentá-la não é tarefa fácil.

A escola sozinha não pode acabar com essa violência sem o envolvimento, participação e envolvimento da família, sem o apoio de instituições que garantam os direitos da criança e do adolescente, sem o compromisso efetivo dos governos em criar políticas nacionais e implementar investimentos em projetos específicos. que oferecem oportunidades de mudanças significativas na vida de crianças e adolescentes, especialistas em educação, saúde, assistência social, aplicação da lei, entre outros, são capacitados para desenvolver programas eficazes de prevenção.

A única forma de combater o *bullying* é que todos os envolvidos trabalhem juntos: professores, funcionários, alunos e pais, e todos devem assumir o compromisso de que o *bullying* não será mais tolerado.

As estratégias utilizadas devem ser definidas em cada escola, tendo em conta as especificidades dessa escola e da sua população. Incentivar o aluno a ser o protagonista e envolvê-lo na tomada de decisões e no desenvolvimento do projeto é uma garantia ainda maior de sucesso.

Por fim, é importante construir uma escola que não se limite ao ensino do currículo, mas onde as crianças e os adolescentes sejam ensinados a exercer a cidadania.

Espera-se que este artigo contribua para um melhor entendimento sobre o *bullying* e suas consequências, permitindo que os leitores enxerguem o fenômeno de uma



nova forma para evitar a disseminação dessa violência, pois principalmente falando sobre o bullying infantil, que os professores consideravam brincadeira de criança ou normal para sua idade, incentivando a violência em um ambiente educacional tão importante para os alunos. Portanto, considera-se possível evitar e prevenir o bullying nessa fase, pois a educação infantil é uma etapa importante na correção e mitigação dessa violência.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Carolina Giannoni. **Brincadeiras que Fazem Chorar! Introdução ao fenômeno Bullying**. 1ª edição. São Paulo: All Print, 2009.

CHAVES WM. **Fenômeno bullying e a educação física escolar**. Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói: UFF, Departamento de Educação e Desportos, 2006.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 6ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2011.